

A FRAGMENTAÇÃO DO SUJEITO NA OBRA BERKELEY EM BELLAGIO, DE JOÃO GILBERTO NOLL

Ânderson Martins Pereira¹

Mariane Pereira Rocha²

Ariane Avila Neto de Farias³

Resumo:

A literatura contemporânea vem expondo cada vez mais o "eu", trazendo à tona a figura externa do autor, que há muito havia sido morta por pesquisadores estruturalistas. Para alguns teóricos, tais textos vão ser denominados "autoficção". O presente trabalho busca discutir o romance de João Gilberto Noll, *Berkeley em Bellagio* (2002) a partir das noções acerca desse sujeito fragmentado apresentadas pelo gênero autoficcional. Pesquisadores como Diana Klinger defendem que, ao trazer relatos em primeira pessoa, a autoficção, ao mesmo tempo em que parece atender a demanda de um sujeito narcisista, demonstra o desmoronamento da concepção de um sujeito pleno. Tomando por pressuposto a relação da dicotomia "eu" e "outro", acredita-se que, para a obra aqui analisada, a única forma de se sentir inteiro é abraçar o outro e renegar uma visão fixa de si mesmo. Para este fim, utilizar-se-á das contribuições teóricas de Klinger (2012), Trefzger (2013) e Hall (2003).

Palavras-chave: autoficção; identidade contemporânea; escrita de si

Modalidade de Participação: Pós-Graduação

A FRAGMENTAÇÃO DO SUJEITO NA OBRA BERKELEY EM BELLAGIO, DE JOÃO GILBERTO NOLL

¹ Aluno de pós-graduação. andersonmartinsp@gmail.com. Autor principal

² Mestranda em Letras - Literatura comparada. marianep.rocha@gmail.com. Co-autor

³ Aluno de pós-graduação. arianenetof@gmail.com. Orientador

UMA IDENTIDADE EM MIL PEDAÇOS: A FRAGMENTAÇÃO DO SUJEITO NA OBRA *BERKELEY EM BELLARIO*, DE JOÃO GILBERTO NOLL

1 INTRODUÇÃO

A presença marcante da primeira pessoa é um dos pontos, apontados por Diana Klinger (2012), destacados acerca da literatura contemporânea. A autora destaca também que o impulso autobiográfico e o uso da autoficção como estratégia literária são fatores relevantes quando se pensa na escrita da atualidade, assinalando a tendência de narrativas que trazem semelhanças entre as personagens dos textos literários e aqueles que as criam. Nessa perspectiva, é perceptível a relação de proximidade entre o real e o ficcional, tornando difícil ao leitor a distinção entre o que fora vivido pelo autor/narrador/personagem, e o que fora imaginado.

Com um “eu” marcadamente exposto pela/na literatura contemporânea, parece ser necessário um olhar atento às questões relativas ao gênero autoficcional, termo originalmente criado por Serge Doubrovsky (1977) ao publicar *Fils*. Doubrovsky afirma que todo contar de si é fictício, apontando, assim, para a hibridez do gênero, que trabalha tanto com o real quanto com a ficção.

Nesse mesmo sentido, Fabíola Trefzger (2013) pontua que a autoficção está sediada em um entre-lugar e, dessa forma, questiona a legitimação dos polos ficcionais e reais. Pode-se depreender, assim, que a autoficção oferece uma releitura sobre o lugar não só da autobiografia, mas também da ficção em si. Nestes textos, o “eu” é posto em destaque, mas suas relações com o “outro” não são menos evidentes, estas relações se instauram pela dificuldade do “eu” de dar vazão a verdade de si mesmo e de encontrar esta verdade. Sob este viés, as relações do “eu” com o “outro” o auxiliam a lidar consigo mesmo.

Klinger (2012) também reflete sobre os *status* da escrita autoficcional. Para ela, a autoficção estaria inscrita “no coração do paradoxo [...]: entre o desejo narcisista de falar de si e o reconhecimento da impossibilidade de exprimir uma ‘verdade’ na escrita” (KLINGER, 2012, p. 22). A pesquisadora defende a ideia de que ao colocar-se no texto o autor faz de si, uma espécie de *performancer* conceito que ela vai buscar na teoria de Judith Butler - da verdade e da ficção, moldando sua vida como demiurgo de si mesmo.

A autoficção, de acordo com Klinger, seria marcada pelo retorno do autor morto pelos estruturalistas. Nas palavras da teórica, “o autor retorna não como garantia última da verdade empírica e sim apenas como provocação, na forma de um jogo que brinca com a noção do sujeito real” (KLINGER, 2012, p. 44, grifo do original). Assim, o autor tem o seu retorno marcado pela não detenção da autoridade sobre o texto, não podendo mais o leitor confiar nem no narrador nem no autor.

Trefzger salienta que a autoficção apresenta um “diálogo com a espetacularização, que abrange um olhar crítico sobre ‘a superficialidade contemporânea’, que incide diretamente no questionamento do sujeito pleno performando sua imprópria constituição totalizante” (2013, p. 04). Desta maneira, a autoficção seria então, um gênero crítico que expõe, por exemplo, o confronto do homem moderno com questões identitárias, colocando-o em face de diversos conflitos, entre eles o processo de formação de sua identidade cultural diante do mundo, e as fronteiras cada vez menores dos conceitos de cultura, linguagem, raça, etnia e religião. Hoje sabemos que a identidade e sua construção, não depende de uma simples identificação com específico grupo social, cultura ou causa, mas que está vinculada à conjuntura, às relações sociais, materiais e simbólicas e a padrões vividos.

Pelo acima exposto, o objetivo deste trabalho é o de fomentar uma discussão em torno do modo em que se dá a inserção do sujeito em um mundo caracterizado pela fragmentação identitária, a partir da leitura da obra do autor João Gilberto Noll, *Berkely em*

Bellagio (2002). Para tanto, entendemos aqui que a sociedade contemporânea traz consigo um homem narcisista, solitário e detentor de uma identidade esfacelada. Por fim, esse trabalho além analisar a obra literária já mencionada, baseia-se em estudos teóricos que discorrem acerca de conceitos relativos à identidade e sua construção e autoficção.

2 METODOLOGIA

O presente trabalho foi realizado a partir da leitura da obra do autor João Gilberto Noll, *Berkeley em Bellagio* (2002), bem como do aporte teórico que olha para a atual exposição do “eu” na literatura. Para tanto, dialogaremos com autores como Diana Klinger (2012), Fabíola Trefzger (2013) e Stuart Hall (2002) que debatem as questões acerca da autoficção, gênero que surge para o atendimento da demanda de um sujeito narcisista, demonstrando o total desmoronamento da concepção de um sujeito pleno/uno. Dessa forma, estamos diante de uma narrativa que se inscreve dentro de si mesma. Lembremos que ao personagem Joao é encomendado um romance e essa encomenda assemelha-se a obra aqui analisada.

3 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Berkeley se passa em lugares "esvaziados de progressão e tempo, não estando dotado de nenhuma função libertadora, edificante ou pedagógica ou oferecendo à João nenhuma forma de enriquecimento” (KLINGER, 2012, p. 52). Como bem explicitado na obra, João é "alguém que nada faz, que nada tem, nem ao seu próprio corpo" (NOLL, 2002, p. 52) e ainda nas primeiras páginas do romance descobrimos os sentimentos de incerteza e incompletude que perpassam à personagem central da trama. Isso pode ser recuperado na passagem: "Ele não falava inglês. Quando deu seu primeiro passeio pelo *campus* de Berkeley, viu não estar motivado? Saberá voltar atrás?" (NOLL, 2002, p. 09). Joao é um homem de meia-idade que se alimenta, a cada dia, da solidão, do sentimento de não-pertencimento, do silêncio e das suas lembranças do Brasil. Mesmo que a ida para ao exterior signifique certa trégua à penúria de sua vida brasileira, repleta de problemas financeiros, são suas brigas com os espaços físicos que transita que muito refletem sua condição interior, seus conflitos.

Sua ida para Bellagio, não trará perspectivas muito diferentes. No que ele vai chamar de “exílio branco no conforto de universidades e fundações americanas” (NOLL, 2002, p. 43), a personagem mostra-se sem grandes disposições de convivência com os colegas, tanto por não dominar o idioma, esse sempre um obstáculo para construção de laços e em todos os lugares que a personagem passa, quanto pelo pouco em comum com os artistas. Assim, *Berkeley em Bellagio* transforma-se em um retrato pungente de um sujeito errante, sem referencial algum, procurando por um lugar em um mundo cada vez mais globalizado/sem fronteiras e também excludente.

Nesta perspectiva, o projeto autoficcional de Noll parece ir de encontro ao defendido por Trefzger. A autora, citando Evandro do Nascimento, afirma que:

[...]esse eu múltiplo e impessoal, porém intransferível, não se confunde com nenhum narcisismo banal ou mortífero, pois o espelho está desde sempre partido. / não há como pular para “lá”, o suposto outro lado do espelho, porque a folha de estanho rachou, derramando o conteúdo alucinatório do eu ideal. “lá” fica mesmo aqui, ali, raramente além. (NASCIMENTO apud TREFZGER, 2013, p. 03).

Joao, ao expor suas memórias fragmentadas, põe em xeque questões de identidade, não apenas do sujeito, mas da própria nacionalidade completamente perdida em tempos de

globalização. O sujeito uno que já não mais existe. Vive-se um momento de crise identitária, de valores e de modelos de interpretação do real. Noll traz um sujeito e um mundo heterogêneos, formado de conceitos que ora se confluem em um mesmo sentido, ora divergem, caminhando em direções completamente opostas.

A contemporaneidade é um tempo que carrega múltiplas possibilidades de leituras e interpretações, uma época conhecida pela fragmentação da noção do todo e que leva a uma consequente ascensão da pluralidade de experiências. O presente está além das certezas dos discursos, da ideia de unidade, da razão, da ruptura com a noção do permanente, do tempo, do espaço, tudo que era sólido perde sua forma para assumir outra, rompendo-se em pequenas frações, em uma eterna mutação, um período marcado por oscilações do saber.

O teórico Stuart Hall fala de um conjunto de mudanças estruturais de um tipo diferente, que no fim do século XX abalaram as noções de identidades culturais, garantia de um sujeito com localização “sólida”, e também afetaram concepções internas de identidade individuais, de um sujeito integrado. Ao conceber-se como descentrado, o indivíduo contemporâneo encontra uma firmeza, ainda que paradoxal, acerca de sua própria crise identitária. Segundo Hall (2003, p.12), “a identidade, então, costura [...] o sujeito à estrutura”. Dessa forma, pode-se dizer que o paradoxo nasce de um entorno que não mais dá conta do indivíduo multifacetado. Neste cenário, há uma emergência de identidades plurais e, por vezes, estas são contraditórias em decorrência desta pluralidade. A nova concepção do sujeito se caracteriza pelo provisório, variável e problemático, alguém como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente.

O afirmado acima é percebido na obra de Noll. Para a protagonista de *Berkeley em Bellagio*, a identidade nunca é totalmente explicável e persiste como um fantasma que acompanha os seus pensamentos e experiências. Ela apresenta diversas situações onde se é possível evidenciar sua identidade fragmentada, onde a protagonista entende-se como outro. Uma delas refere-se ao seu papel de narrador que alternando as vozes enunciativas entre a primeira e a terceira pessoa do singular, indaga-se a certa altura:

[...] e quem será esse homem aqui que já não se reconhece ao se surpreender de um golpe num imenso espelho ornado em volta de dourados arabescos, um senhor chegando à meia-idade? (NOLL, 2002, p. 29)

[...] e qual percepção eu poderia ter de mim mesmo naquele vão noturno que quase me engole num repente? Quem me responde, e já, se o fato de eu estar aqui andando pelo bosque em plena madrugada me confere alguma garantia de que eu não seja um outro que de fato sou, um estrangeiro de mim mesmo entre norte-americano (embora pisando em solo italiano)? Sou alguém que se desloca para me manter fixo? (NOLL, 2002, p. 36)

É no recorrente questionamento de sua própria identidade, no movimento incessante de indagar-se a si mesmo o que ou quem ele é, que o protagonista se torna outro para si mesmo. Sua condição de estrangeiro se insinua nessa capacidade de transformar-se, de construir novos sentidos sobre si mesmo, engajando-se em uma espécie de aventura do “Eu é um outro”.

A fragmentação da identidade é vista também na relação fronteira entre o “eu” e os limiares do “outro”. Em *Berkeley em Bellagio* estes limites são quase inexistentes, visto que a identidade do “eu” se encontra a muito esvanecida. “O fantasma de Berkeley está mesmo era lá dentro, prisioneiro na ‘Catedral’ da fundação já vazia de *scholars*. Entro no carro, divago que o *ragazzo* deve ser um mordomo daqueles bem fiéis, que acompanham a derrota do dono até o fim, isso!” (NOLL, 2002, p.76). Neste mesmo sentido esse excerto, retirado de *Berkeley em Bellagio*, demonstra uma supervalorização do “outro” ligada ao espaço. Joao considera-se

derrotado por voltar ao Brasil e a narrativa da cena pode ser comparada a um ritual fúnebre, no qual comparecem todos os personagens para testemunhar o futuro atroz que aguarda o protagonista. A partir do exposto a tensão entre o “eu” e o “outro” pode ser tida como ponto central na obra de Noll. Contudo, não é apenas a tensão entre ambas na busca de certa legitimação que estão descritas no romance, mas também a confluência sadia entre os extremos. Essa confluência se faz perceber pelo sexo, que é um tema muito presente na obra, pois, é nele que a relação de troca se torna simbiótica e que o protagonista do romance pode partilhar de uma vivência transcendental onde o limite entre o “eu” e o “outro” são destruídos.

Durante todo o desenvolver do enredo novas angústias da personagem nos são apresentadas. A protagonista de Noll em sua fragmentação, na busca de si e de outros, tem seu caminho cruzado por pessoas desconhecidas e assim, seu “eu” vai sendo formado por “outras identidades”, não só culturais, mas individuais. Tal fator é observado por Hall (2002, p. 17), que descreve o sujeito como sendo “formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem”.

No final do romance, ao regressar para Porto Alegre, Joao percebe que perdeu sua língua materna, volta sem falar o português, sem conseguir comunicar-se em seu próprio país, como mostra o excerto a seguir: “era um brasileiro a pensar em inglês o tempo todo, eu era outro em mim, não tinha importância -, quando chegasse a Porto Alegre iria para um curso de português para estrangeiros [...]” (NOLL, 2002, p. 82-83). Noll teme ter perdido a própria língua materna, no processo da aquisição de outra, esta relação com as línguas pode ser considerada uma metáfora para com a relação do “eu” com o “outro”, isso pode ser observado no excerto a seguir: “a primeira coisa que fiz no aeroporto de Porto Alegre foi deixar a bagagem num guarda-volumes e me dirigir ao balcão de informações e perguntar onde podia encontrar na cidade algum curso de português para estrangeiros” (NOLL, 2002, p. 85). Quando estas relações entre interlíngua ou entre ele e os demais personagens acontecem, o narrador perde o limite de suas fronteiras sejam elas linguísticas ou identitárias.

Como já mencionado, os limites das identidades nacionais são postos em questão pelo mundo moderno. O que faz de Joao brasileiro? Sua língua? A língua que acaba de perder? A personagem parece ser esse encontro de nacionalidades, a confluência de vários “eus”. A língua incorpora o signo da fronteira. Perder a língua pátria/materna no regresso é para o narrador demonstração de que também neste lugar, ele se tornou estrangeiro.

Ainda no final da narrativa, ao reencontrar Léo, Joao parece, mesmo sem saber até quando, encontrar em um “outro” a possibilidade de reconstituição de sua identidade quebrada, de um encontro de si mesmo. Entretanto, no decorrer do romance, mesmo depois de seu regresso, suas histórias são contadas de diferentes maneiras por uma personagem esfacelada em mil pedaços e com memórias traiçoeiras que confunde imaginação e real, comprovando a inviabilidade de tal reconstrução.

A consequência da incapacidade de distinção entre vivido e não vivido pela personagem, é a de termos um romance que não possui um final. Com suas últimas linhas que mantem em aberto e expõem a fratura do sujeito, um eterno quebra-cabeça em que peças são perdidas, não se encaixam. Não temos respostas, não podemos tê-las. A construção da identidade é um processo inacabado e inalcançável.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se que a obra de João Gilberto Noll denota um indivíduo em busca de sua identidade no mundo e em si mesmo, todavia seu “eu” esfacela-se a cada nova relação. A busca de seu verdadeiro “eu”, encontra espaço na contemporaneidade, momento marcado por

identidades fragmentadas e perpassadas por inúmeros outros. A diversidade de “outros” implica em uma pluralidade de “eus” e, nesse sentido, a obra se torna sintomática de um sujeito eternamente em trânsito.

A narrativa de Noll sugere que é no olhar para o outro e para fora de si que a personagem caminha em direção de um encontro com sua multiplicidade. O final do romance não representa o fim da busca pelo “eu” intrínseco. É a volta para o Brasil o situa na aceitação da incógnita de ser quem não se sabe e ao mesmo tempo no ensino de tais valores a Sarah - sua filha adotiva - que herdará suas perspectivas para lidar com os diferentes “eus”.

Dentro da perspectiva proposta, a análise do texto de *Berkeley em Bellagio* (2002), tentou abordar características que demonstrassem a fragmentação da identidade da personagem principal. Entendemos, a partir dessa análise, que a impossibilidade de criação de vínculos, a perda da memória e de sua língua materna, a relação de crise da personagem e os espaços por onde a personagem passou contribuem para a percepção de um sujeito não mais unificado.

É possível depreender que, dentro do universo narrativo de Noll, a única forma de se sentir inteiro é abraçar ao outro e renegar uma visão fixa de si mesmo. Nesse âmbito, o sexo na obra é a experimentação máxima de tal necessidade. O eu e o outro estão estilizados para fora do indivíduo e, na contemporaneidade, ganharam o mundo. Essas fronteiras deixaram a muito tempo de serem fixas, porém se misturam de tal forma que o “eu” se torna cada vez mais momentâneo, esperando o próximo vento que o torne outro.

Assim, João Gilberto Noll ao colocar o “eu” no centro de sua narrativa, parece revelar com precisão os problemas enfrentados pelo sujeito em um mundo cada vez mais globalizado, desprovido de experiências mais profundas, sem referencialidades; bem como denuncia a ausência de uma memória confiável que acaba criando uma situação de desconforto e quebra da identidade do sujeito.

REFERÊNCIAS

- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro; o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.
- NOLL, João Gilberto. *Berkeley em Bellagio*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- _____. *Lorde*. Rio de Janeiro: Recorde, 2014.
- OLIVEIRA, Marcos. “Nós, poetas de nossas vidas?: desejo, homoafetividade e sujeito pós-moderno em Berkeley em Bellagio, de João Gilberto Noll”, *Vivência, Natal*, v. 1, n.37, p. 91-103, 2011.
- TREFZGER, Fabíola Simão Padilha. “Autoficção: entre o espetáculo e o espetacular”. In: XIII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada, *Anais do XIII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada*, Campina Grande. Campina Grande-PB: Editora Realize, 2013. v. 1. p. 1-9, 2013.